

MARCIO MOREIRA ALVES

GLOBO



de Brasília

Rumo à Índia

• O Brasil tem, há muitos anos, estreitas relações econômicas com o Japão. Com a China, investimos recursos humanos e materiais para desenvolvermos parcerias, sendo a primeira e mais importante a fabricação do satélite sino-brasileiro. A partir deste projeto, as relações se desenvolveram ao ponto em que construtoras brasileiras participam da concorrência para erguer uma barragem maior que Itaipu. Com a Índia, não temos nada.

Os recursos humanos da diplomacia brasileira são de boa qualidade, mas são limitados. Durante muitos anos o núcleo de elite do Itamaraty esteve totalmente ocupado em algumas negociações multilaterais de interesse fundamental para o país, como a Rodada Uruguai, sobre o comércio internacional, ou em resolver problemas bilaterais com os países com quem temos relações econômicas e políticas prioritárias, como os Estados Unidos e a Argentina.

A pouca capacidade humana que sobrava foi dirigida ao acompanhamento das negociações de Bruxelas para a consolidação da União Européia e para iniciativas pioneiras na África, especialmente em Angola e Moçambique.

Em consequência, embora sejam antigos os planos de aproximação com a Índia, sempre que se tinha de cortar alguma coisa, era sobre esses planos que caía a guilhotina. Chegou-se a marcar as visitas dos três últimos presidentes, Sarney, Collor e Itamar Franco, e, na última hora, todas elas foram canceladas por motivos diversos. Foi um vexame, quase uma desfeita.

Ministro das Relações Exteriores ainda, Fernando Henrique pediu que se iniciassem estudos sobre a melhoria das relações bilaterais com a Índia. Achava um erro termos relações políticas excelentes, jogando sempre combinados nas Nações Unidas e nos outros fóruns multilaterais e, quando se tratava de se conhecer melhor, de fazer pesquisas científicas do interesse comum ou de aumentar o comércio, não acontecia nada.

Hoje em dia, o Mercosul, principal êxito da diplomacia brasileira nesta metade do século, está consolidado e crescendo. As relações com a Argentina nunca estiveram tão boas.

Não temos problemas com os demais países sul-americanos, ao contrário. O que há são planos em comum. O contencioso com os Estados Unidos está quase todo liquidado. A Rodada Uruguai foi finalmente encerrada e o Gatt substituído pela Organização Mundial do Comércio.

As relações com a União Européia, nosso principal parceiro comercial, são fluidas. Em Angola e Moçambique as tropas brasileiras participam da manutenção da paz e os empresários aproveitam as oportunidades da reconstrução dos dois países, depois de 20 anos de guerra civil.

Pela primeira vez em muitos anos o Itamaraty tem alguma capacidade para empregar no ambicioso projeto de tornar o Brasil um *global player*, ou seja, um país capaz de ultrapassar as fronteiras do seu continente para manifestar o seu interesse em todos os recantos

do mundo.

Em primeiro lugar na ordem de prioridades brasileiras estão os países asiáticos com quem temos relações apenas políticas e formais.

A Índia encabeça a lista, vindo em seguida a Coréia e a Indonésia, seguidas da Tailândia e da Malásia. Na África, com uma prioridade igual à indiana, o Itamaraty pretende desenvolver as relações com a África do Sul.

A viagem que Fernando Henrique começa hoje pela Catalunha foi preparada cuidadosamente. A Índia respondeu às sondagens convidando o presidente brasileiro a ser o hóspede de honra das comemorações da independência da Inglaterra, no dia 26.

É uma ocasião que os indianos escolhem para homenagear o chefe de um estado onde tenham um interesse especial. Nelson Mandela e Mário Soares estão entre os seus antecessores, sendo que a razão do convite a Soares foi a vontade de assinalar a normalização das relações com Portugal, muitos anos interrompidas em virtude da expulsão dos portugueses de Goa.

A Índia, com os seus 900 milhões de habitantes, tem uma burguesia industrial dinâmica e moderna que, tal como a brasileira, convive com a miséria das grandes massas e uma péssima distribuição de renda, embora menos brutal que a nossa.

O seu mercado potencial é gigantesco e está se abrindo progressivamente para o mundo, depois de décadas de protecionismo mais paternalista que o brasileiro. Para se ter uma idéia: apesar das relações comerciais serem mínimas, os indianos compraram, no ano passado, US\$ 621 milhões de mercadorias brasileiras, enquanto só nos venderam 74 milhões. Se apenas 20% dos indianos participarem do mercado ao nível da nossa classe média, são 180 milhões de consumidores.

Fernando Henrique vai apenas começar um relacionamento e explorar o potencial de intercâmbio.

As melhores possibilidades de cooperação estão nos campos científicos e tecnológicos. A Índia é uma potência nuclear, tem vários centros de excelência científica, está na nossa frente em biotecnologia e na exportação de software e, por outro lado, pode aproveitar a capacidade brasileira em pesquisas agrícolas e pecuárias.

O passageiro mais importante da comitiva será o ministro da Ciência e Tecnologia, Israel Vargas, que já esteve por lá.

Falta apenas, para dar concretude à iniciativa política, buscar um projeto integrador, como foi a fabricação do satélite para as nossas relações com a China.